

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL**

MORAIS CEZAR

**LÍNGUA MATERNA E NARRATIVAS DO POVO RIKBAKTSÁ: CONSTRUINDO
A LITERATURA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

**BARRA DO BUGRES – MT
2025**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL**

MORAIS CEZAR

**LÍNGUA MATERNA E NARRATIVAS DO POVO RIKBAK TSA: CONSTRUINDO A
LITERATURA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

Dissertação de Mestrado Profissional
apresentada ao Programa de Pós-Graduação
stricto sensu em ensino em contexto indígena
intercultural (PPGECII) da Universidade do
Estado de Mato Grosso, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientador Professor Dr. Leandro Faustino
Polastrini

**BARRA DO BUGRES – MT
2025**

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

C425l Cezar, Morais.

LÍNGUA MATERNA E NARRATIVAS DO POVO RIKBAKTSÁ: CONSTRUINDO A LITERATURA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA / Morais Cezar. - Barra do Bugres, 2025.

67f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Leandro Faustino Polastrini.

1. Rikbaktsa. 2. língua materna. 3. educação indígena. 4. fortalecimento cultural. 5. material pedagógico. I. Polastrini, Leandro Faustino. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 37(=82)

MORAIS CEZAR

**LÍNGUA MATERNA E NARRATIVAS DO POVO RIKBAK TSA: CONSTRUINDO A
LITERATURA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGE CII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado (a) em 22 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
LEANDRO FAUSTINO POLASTRINI
Data: 22/07/2025 17:11:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Faustino Polastrini
Orientador (UNEMAT/PPGE CII)



Documento assinado digitalmente
WALDINEIA ANTUNES DE ALCANTARA FERREIRA
Data: 23/07/2025 09:12:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Examinadora Interna (UNEMAT/PPGE CII)



Documento assinado digitalmente
ANA LUCIA LIBERATO TETTAMANZY
Data: 22/07/2025 23:51:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Lucia Liberato Tettamanzy - Examinadora Externa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família, minha mãe Margarida Tapi, a minha esposa Marivania Wabaha e aos meus quatro filhos, Anny Sophia Atsaba, Pedro Henrique Hapubu Eskawata, Lorenzo Eskawata e Paola Yonara Atsaba.

À minha comunidade e também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação – PPGECH, em especial à professora Waldineia Antunes Alcântara Ferreira e todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me concedido saúde, sabedoria e também aos meus familiares, amigos de trabalho, amigos da minha turma do Programa de Pós-Graduação – PPGECH.

Ao meu Avó Aroldo, que sempre esteve à disposição para contar as narrativas quando eu precisei.

Ao professor Juarez Paimy, que sempre esteve à disposição para contribuir com a transcrição da narrativa.

À comunidade Rikbaktsa, por ter acreditado em mim e ter me dado apoio antes e durante o curso de mestrado.

Agradeço também à equipe de professores do Programa de Pós-Graduação – PPGECH, à professora Maria Helena Paes que, no início foi minha orientadora, e ao Professor Leandro, que assumiu a orientação e contribuiu para que eu pudesse terminar a pesquisa.

Agradeço em especial à professora Waldineia, que está como coordenadora do Programa e que sempre busca incentivar os mestrandos para assumirem a pesquisa e a educação escolar indígena com bastante compromisso.

Agradeço aos estudantes e a todos da escola Myhyinymykyta Skiripi.

KOEKNYBAKY MYSPIZIKPOWY.

Kyitsa spizikpowy aba piwataha myhae babaka muhukdaka iwatsahi aba tahaypykyknahatsa, taha spizikponaha piwatahazeka ba hawã tohi ziky, utakta Rikbakta babata hi Piwatahaka, paikpa mykanaha buka piwataha nanabyi Soho ty, tsihokdaena ty zinymykynaha, iwamyzeke Ka watahaha ba zikhukda. Nanabyi iwatahaka, Iwatahi piwatahabaze jabyitsa mysihizizik, myhae babaty, taparaktsa ypykytsa harere ty jabyitsa mysihyiny. Myharere babahu pinymynaha piwatahanaha, Koeknybaky myhudik hudikwy mutsasonãhã, iwatsitsahi iwatahaha bokodonaze siakoëtsa mykanaha, piwatahanaha humuka ba hawã tohi zikaha, tawahi munapykyk, iwatsahi myhae humu tybyidyba tsimaha, myhyinykywy eze taha hyiziziknãhã, Rikbaktsa harere baba ty

RESUMO

Este estudo aborda as narrativas, as histórias e a realidade sociolinguística do povo Rikbatksa, destacando a percepção dos estudantes do ensino médio sobre a importância de tais narrativas. O autor, que pertence a essa etnia, relata sua trajetória pessoal e acadêmica, evidenciando como a escolarização e a formação de professores indígenas têm sido estratégias fundamentais para fortalecer a identidade cultural e linguística de seu povo. A pesquisa tem como objetivo principal desenvolver materiais pedagógicos para o Ensino Fundamental I, subsidiando o ensino da língua materna Rikbaktsa a partir de narrativas tradicionais. A metodologia baseia-se num primeiro momento na coleta das narrativas com os mais velhos (colaboradores), no segundo momento essas narrativas orais foram apresentadas para os alunos na escola que, partir desse trabalho, fizeram registros na língua materna de saberes do território. Após essas etapas, há a produção do texto teórico-reflexivo. O estudo reafirma a importância da educação indígena diferenciada como meio de resistência cultural e identitária, promovendo a revitalização linguística. A pesquisa demonstrou que é preciso cada vez mais desenvolver ações de literatura dentro da escola, com narrativas, histórias e uso da língua materna.

Palavras-chave: Rikbaktsa, língua materna, educação indígena, fortalecimento cultural, material pedagógico.

ABSTRACT

This study addresses the narratives, stories, and sociolinguistic reality of the Rikbaktsa people, highlighting high school students' perceptions of the importance of such narratives. The author, a member of this ethnic group, recounts his personal and academic journey, highlighting how Indigenous schooling and teacher training have been fundamental strategies for strengthening the cultural and linguistic identity of his people. The research's main objective is to develop teaching materials for elementary school, supporting the teaching of the Rikbaktsa mother tongue through traditional narratives. The methodology is based initially on collecting narratives from elders (collaborators). Subsequently, these oral narratives were presented to students at the school, who, based on this work, recorded the territorial knowledge in their mother tongue. Following these steps, a theoretical-reflective text is produced. The study reaffirms the importance of differentiated Indigenous education as a means of cultural and identity resistance, promoting linguistic revitalization. The research demonstrated that it is increasingly necessary to develop literature activities within schools, with narratives, stories and the use of the mother tongue.

Keywords: Rikbaktsa, Mother tongue, Indigenous education, Cultural strengthening, Teaching material.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 Mapa do território Rikbaktsa.....	17
Fig. 2 Reunião na Aldeia Curva – Terra Indígena Erikpaktsa – Município de Brasnorte/MT	22
Fig. 3 Equipe de apoiadores e participantes juntos da pesquisa.....	23
Fig. 4 Juarez Paimy.....	24
Fig. 5 Aroldo Hohotak Rikbakta.....	24
Fig. 6 Desenhos das personagens da história feitos pelos alunos do ensino médio.....	32
Fig. 7 Desenhos das personagens da história feitos pelos alunos do ensino médio.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. MEU POVO RIKBAK TSA	16
3. DESCREVENDO OS COLABORADORES E OS CAMINHOS DA PESQUISA	20
3.1 Os narradores da pesquisa	23
3.2 Organização do material de literatura e língua materna Rikbaktsa	25
4 LÍNGUA MATERNA E LITERATURA INDÍGENA: ARTICULAÇÕES DA MEMÓRIA	26
4.1 A língua materna escrita e sua importância para a literatura indígena	26
4.2 Oralidade e escrita as duas faces da literatura indígena	27
4.3 A festa dos peixes	29
4.3.2 A festa dos peixes	31
4.4 A história do caxinguelê	33
4.5 O xiri andava sozinho	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Sou Moraes Cezar, pertencendo ao povo Rikbaktsa, nascido no dia dois de agosto de mil novecentos e oitenta e nove na aldeia São Marcos, na Terra Indígena Japuira no município de Juara/MT. Hoje essa aldeia não existe mais. Falo mais a língua portuguesa, meu pai se chama João Batista Eskawata, faleceu em dois mil e quatro e a minha mãe se chama Margarida Tapi, ela mora na aldeia Cerejeira, na Terra Indígena Japuira, no município de Juara. Tenho 4 irmãos e 3 irmãs, um dos meus irmãos mais novos faleceu no ano de 2006, no dia das crianças e pra nós é um momento muito triste nesse dia 12 de outubro.

Quando eu era ainda criança, gostava muito de brincar, jogar bola, tomar banho de rio e ir pescar. Lembro-me que naquele tempo todas as brincadeiras eram muito boas. Não existiam essas tecnologias que existem hoje e nós brincávamos muito. Passávamos o dia com a família e todos eram felizes. Tenho boas lembranças de minha infância, mas também lembranças ruins.

O meu contato com a escola foi aos 7 anos de idade, na aldeia Cerejeira no município de Juara, na época uma sala anexa de uma escola rural de Juara, sala anexa Nova Esperança. Meus primeiros professores foram o meu pai, João Batista Eskawata e Donato, nessa época nós já tínhamos o contato com os não índios. As minhas lembranças de quando era jovem antes do casamento é que eu não tinha que me preocupar com nada.

Estudei o ensino fundamental na aldeia Cerejeira até a quinta série, depois fui para outra aldeia chamada Aldeia Pé de Mutum, mas nos anos finais do ensino fundamental fui para a cidade terminar o fundamental. O ensino médio fiz na cidade, zona urbana, numa escola estadual, fiz o curso de Pró-funcionário, curso técnico em secretaria escolar, também tenho curso de auxiliar administrativo ofertado pela SENAI. No ano de 2015, passei no vestibular e cursei a graduação na FAINDI, onde hoje estou fazendo o curso de mestrado.

Casei-me aos vinte e oito anos de idade culturalmente com Marivania Wabaha, também professora pedagoga formada pela FAINDI, hoje somos casados no civil, nós nos conhecemos melhor quando começamos a trabalhar juntos na mesma instituição, no final do ano de 2013 e, no ano de 2015, nós dois passamos no vestibular juntos, ela para o curso de pedagogia e eu para licenciatura intercultural e passamos a nos conhecer melhor. No ano de 2017 casamos, a minha esposa já tinha um menino de 1 ano de idade quando nos casamos e hoje não me arrependi de ter o Pedro como filho. Quando nós casamos, o meu filho era registrado somente no nome da mãe dele, depois de uns 3 anos procurei meios

legais para registrá-lo em meu nome e com o nome da minha família. Todo esse processo demorou quase dois anos e hoje, graças a Deus, ele está registrado no meu nome e da minha família e com ele aprendi que o amor a gente constrói. Ele foi um menino que mudou a minha vida, eu não pensava em casar, a minha vida era só festa, em todas festas eu ia, na aldeia, na cidade e não tinha essa preocupação de cuidar de uma família e com ele e a mãe dele comecei a ter mais responsabilidade e aprendi como é ter uma família. A maior parte dos meus amigos e conhecidos não sabe que o Pedro é o meu enteado, aliás, hoje ele é o meu filho e por ele sou capaz de tudo, porque sei que ele vai reconhecer que o amor que o pai biológico dele não deu, eu estou dando em dobro e ele é bem querido por todos da minha família, mas ele é livre e nunca vou esconder dele que eu não sou seu pai biológico, mas também não vou ficar falando quem é a família dele por parte do pai biológico. Se eles quiserem, que procurem, mas por mim se eles não procurarem é melhor ainda.

Hoje eu e minha esposa temos mais três filhos, Anny, Lorenzo e Paola. Eles são tudo para mim e o meu dever é cuidar de todos eles, é um amor que nunca acaba e sou muito grato por ter a Marivania como esposa e ter me dado os meus quatro filhos maravilhosos. Enquanto esposo, meu dever é sempre dar o meu melhor, a gente briga de boca, mas nunca nos agredimos um ao outro fisicamente, até por que sou contra qualquer agressão, principalmente contra a mulher, pois mulheres não foram feitas para apanhar, mas se um dia não estiver dando certo, a gente se separa numa boa, até porque sabemos que os nossos filhos sempre serão os nossos filhos e não vamos ter que brigar.

Atualmente, moro na aldeia Primavera, na terra indígena Erikbaktsa, no município de Brasnorte/MT, à beira do rio Juruena e o que mais gosto de fazer é ficar junto à minha família, cuidar das minhas crianças e ir trabalhar, caçar e pescar. Hoje tenho quatro filhos, sendo dois meninos e duas meninas e todos os finais de semanas saímos para visitar as aldeias vizinhas ou vamos para o rio pescar, tomar banho, mas tenho muito medo de deixar as minhas crianças na beira do rio por que é muito perigoso as corredeiras são forte, o que me deixa mais triste é não poder estar sempre perto da minha mãe, sempre que possível, eu a visito e a busco pra ficar em casa, mas ela gosta é de ficar na casinha dela, onde moramos muito tempo na terra indígena Japuira, no município de Juara. Se não fosse por causa do serviço e ter que dar sustendo para minha família, eu preferiria morar perto dela, mas onde ela mora não tem serviço pra mim, pois lá é uma aldeia pequena com poucas pessoas e tem somente um professor. Então, como tenho que trabalhar, fico distante dela, mas meu sonho é que um dia ela venha morar comigo, na minha casa, pois ela é o meu maior tesouro que

tenho, juntamente com meus filhos e eu daria tudo de mim por eles, que me motivam a trabalhar, a estudar e sempre me dão alegria. Por fim, não sei o que seria de mim sem a minha mãe, ela me ensinou tudo, menos a viver sem ela, toda vez que a visito, vou embora com o coração partido, pois sofri muito com a perda do meu pai, lembro-me como se fosse hoje, desde que ele se foi, pra mim não existia mais o dia dos pais até eu ter os meus filhos, não tem um dia dos pais que passo sem cair uma lágrima dos olhos, mas sou muito grato à minha mãe por ela cuidar de mim desde os 14 anos de idade.

No tocante à minha trajetória profissional, entre os anos de 2010 a 2012 trabalhei na FUNAI como estagiário e comecei a atuar na área da educação e no final de 2013 comecei como técnico administrativo educacional. Em 2019 fui escolhido pela comunidade para a direção da Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi, que tem sede na Aldeia Barranco Vermelho, distante 13 quilômetros da aldeia da qual faço parte e, a partir de então, vou todos os dias para esta escola e exerço a função de diretor, atendendo a duas etnias, sendo Rikbaktsa e Enawene.

A Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi, juntamente com as lideranças, Caciques e professores, tem uma política de fortalecimento da língua materna, fazendo com que ela seja fortalecida, buscando cada vez mais os jovens para praticar a língua. Esta unidade de ensino tem sede na aldeia Barranco Vermelho e atende atualmente 656 alunos da etnia Enawene Nawe, município de Juína/MT, na Terra Indígena Enawene Nawe.

A escola passou a atender esse povo a partir do ano de 2019, devido ao fato de que não havia unidade de ensino nesta comunidade, mas muitos de seus habitantes precisavam estudar, por isso foram abertas salas anexas, com o intuito de atender à demanda do povo Enawene Nawe. Na época, eu era o Presidente do Conselho Deliberativo da Comunidade da Escola Myhyinymykyta Skiripi e também trabalhava na função de secretário escolar. Na época, tinha como Diretora a senhora Janesmar João, uma não indígena que atua junto ao meu povo Rikbaktsa há 18 anos. Ela é uma servidora efetiva do estado, mas que respeita os nossos costumes e as nossas tradições, é uma pessoa muito querida e também muito respeitada na nossa comunidade, atualmente está atuando como secretária escolar.

No ano de 2021, a escola formou 20 alunos Enawene Nawe em nível de magistério, os quais atualmente atuam em sala de aula como professores com o contrato temporário. Foi um grande desafio tanto para mim e para o meu povo conviver com uma etnia totalmente diferente da nossa, devido a esse povo falar totalmente a língua materna e praticar suas culturas tradicionais diariamente. A escola tem o intuito de ajudar os parentes e incentivá-los a serem independentes, mas sempre respeitando sua cultura e seus costumes.

No ano de 2024, em maio, os Enawenes desvincularam da nossa escola e hoje eles têm as suas próprias escolas comandadas por eles. Sou muito grato por fazer parte da história da escolarização de um povo diferente da minha etnia, pois estou aprendendo muitas coisas diferentes da cultura do meu povo e isso é muito gratificante para mim.

Nós, Rikbaktsa dos três territórios, hoje somos em torno de mil e setecentos indígenas distribuídos nas três terras indígenas, a maioria não fala frequente na nossa língua materna, somente os mais velhos falam fluentemente, por isso temos uma grande preocupação, principalmente com as gerações mais novas, por isso há necessidade em produzir o material pedagógico para trabalhar em sala de aula para fortalecer a língua materna. Nesse sentido, o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais – Faculdade Indígena Intercultural/FAINDI despertou meu interesse por uma problemática que implica no cotidiano de minha comunidade: devido a influências históricas, a Língua Portuguesa sobrepõe à Língua Materna (Macro-Jê) no cotidiano dos Rikbaktsa, a ponto de se tornar uma ameaça ao futuro de nosso povo. Desse modo, cabe à escola criar estratégias para dinamizar e fortalecer o ensino da cultura e de Língua Materna desde o Ensino Fundamental I.

Na atualidade, a maioria não fala frequente na nossa língua materna, somente os mais velhos falam fluentemente, por isso temos uma grande preocupação, principalmente com as gerações mais novas, por isso há necessidade em produzir o material pedagógico para trabalhar em sala de aulas para fortalecer a língua materna. Ou seja, poucas pessoas utilizam a Língua Materna como língua principal, porém ela é viva e vem sendo ensinada nas aulas do Ensino Fundamental e Médio.

Na escola da Aldeia Barranco Vermelho e em todas as salas anexas temos duas horas de aula de Língua Materna e três de Saberes Indígenas. Nestas aulas são ensinadas as práticas culturais, os saberes e as tecnologias indígenas. Dessa forma, mantemos a nossa educação específica e diferenciada, ensinando aos jovens estudantes como é a nossa cultura no tempo presente e como ela era no passado.

Os materiais que utilizamos na base comum são enviados pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso e alguns específicos do nosso povo nós produzimos e usamos alguns que pesquisadores fizeram junto conosco, como no caso do Dicionário Rikbaktsa (2007), elaborado pela pesquisadora Sheila Tremaine, a partir de informações coletadas pela Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil, em parceria com membros da comunidade como Boeira, Antônio, Iskehepazazik, Zaziota, Raymundinho, João Tsaputai, Alzira, Zé Roberto, Matias, Eriberto, Agostinho, Pakai, Masi, Tsihikbatsa,

Donato e Nicolau Apytsae.

Com a formação de professores Rikbaktsa, pode-se perceber que este material precisa ser revisto e ainda não é adequado para o Ensino Fundamental I. No entanto, ele é utilizado no trabalho dos professores indígenas na sala de aula, pois não temos outro publicado. Considerando esta realidade, a proposta é a partir do uso das narrativas Rikbatsa identificar palavras da nossa língua originária, produzindo um material que possa subsidiar aprendizagem de um vocabulário maior na língua materna com o ousar das histórias.

Um estudo realizado pela pesquisadora Mileide Terres de Oliveira (2020) expresso no artigo “Educação Indígena: uma atitude positiva pela preservação da Língua Rikbaktsa”, apresentou algumas atitudes linguísticas dos Rikbaktsa, de modo que a partir da situação de contato entre a língua Rikbaktsa e a Língua Portuguesa, identificou e analisou as ações para a preservação da língua tradicional. A pesquisa de campo aplicou questionário a 30 indígenas Rikbaktsa, estratificados por geração e sexo.

Após a análise dos dados, os resultados da pesquisa apontaram atitudes positivas por parte dos Rikbaktsa que favorecem a vitalidade linguística do idioma ancestral. E sob tal perspectiva, a pesquisadora considera a importância da educação indígena para a manutenção das atitudes linguísticas positivas, que colaboram para a preservação da língua tradicional.

Deste modo, a presente pesquisa propõe a elaboração de material didático para subsidiar professores de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, no fortalecimento da Língua Materna desde a infância. Tomaremos como base no Caderno Multidisciplinar Tekoa Marangatu, elaborado a partir do trabalho coletivo de professores indígenas, não indígenas, comunidade e entidades educacionais do estado de Santa Catarina, no ano de 2018.

No caso específico da minha comunidade, a proposta inicial visa contemplar os componentes curriculares de Língua Materna, Língua Portuguesa e História, no entanto, é um projeto embrionário e pelo seu caráter multidisciplinar, espera-se que seja ampliado com o tempo, à medida que se tece a rede de saberes escolares. Esse material tem como linha condutora as narrativas históricas/literatura Rikbatsa.

A realização desta pesquisa se justifica porque os professores de Práticas Culturais têm conseguido trabalhar com a cultura sem o uso da língua materna, mas os professores da Língua Materna enfrentam diversos problemas na hora de planejar e ministrar suas aulas, sendo que a falta de material apropriado tem sido uma das maiores reclamações como um todo na escola Rikbaktsa. Sendo assim, este projeto tem como proposta a elaboração de

materiais com vistas a subsidiar, dar condições de trabalho para nossos professores indígenas do Ensino Fundamental I, uma construção de literatura Rikbaktsa com ampliação do vocabulário da língua materna, ou seja, o contato com a língua materna juntamente com as narrativas do povo.

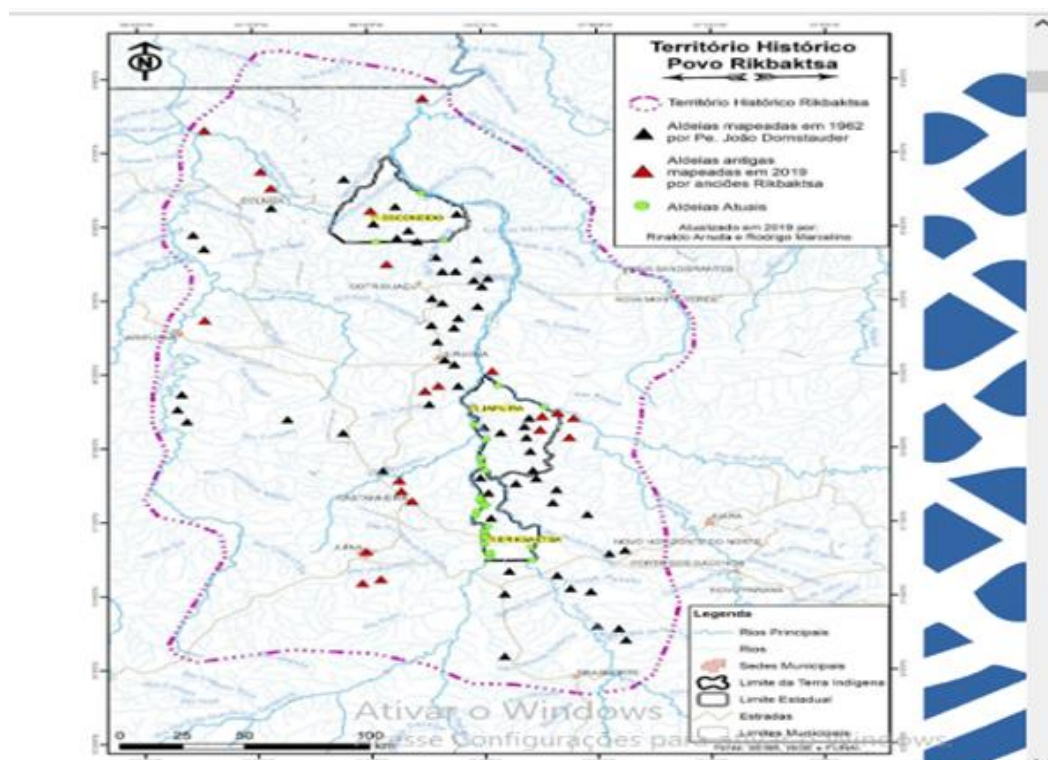
A pesquisa tem como objetivo geral fortalecer as práticas específicas da escola indígena com a produção de narrativas Rikbaktsa escrita em língua materna e traduzir para o português. Como objetivos específicos foram elencados: elaborar materiais pedagógicos (literatura) para subsidiar professores do Ensino Fundamental I na alfabetização intercultural na área de linguagem; unir anciãos, professores e jovens Rikbaktsa entorno da produção de materiais que visam à valorização da língua materna e outros saberes ancestrais; articular entidades/órgãos como FUNAI, UNEMAT, SEDUC, IFMT e Biblio-Óca do Povo Rikbaktsa na cooperação com a produção do material das narrativas Rikbaktsa com o uso também da língua materna e valorizar o ensino e a utilização das narrativas históricas e cosmológicas e da língua materna no cotidiano Rikbaktsa.

2. MEU POVO RIKBAKTSA

Nós Rikbaktsa temos atualmente três terras indígenas, a terra indígena Erikpaktsa no município de Brasnorte, terra indígena Japuíra, no município de Juara e terra indígena Escondido, no município de Cotriguaçu, hoje somos em torno de mil e setecentos indígenas distribuídos nas três terras indígenas. O território do povo Rikbaktsa

[...] situava-se entre os paralelos 9° e 12° latitude sul e os meridianos 57° e 59° longitude oeste, espalhando-se pela bacia do rio Jurueña, desde a barra do rio Papagaio, ao sul, até quase o Salto Augusto no alto Tapajós, ao norte; a oeste expandia-se em direção ao rio Aripuanã e a leste até o rio Arinos, na altura do rio dos Peixes. (Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Rikbaktsa>, acesso em 10/09/2025).

Figura 1 – Mapa do território Rikbaktsa



Fonte: Povo Rikbaktsa, 2020

Ainda em conformidade com o site acima mencionado, outrora o povo Rikbaktsa era conhecido como “canoeiro”, devido à experiência com o manejo de canos nos rios e de “orelha de pau”, em função dos botoques produzidos com caixeta que eram colocados nas orelhas como alargadores. Já a denominação de Rikbaktsa significa seres humanos e a palavra é formada pelos vocábulos *Rik*, que significa pessoa, ser humano; *bak*, que reforça o sentido de ser humano e *tsa*, morfema lexical sufixal que indica o plural da palavra. A análise da composição de Rikbaktsa reforça a grandeza do nosso povo, reafirmando que somos seres humanos e, como tais, somos dignos de todos os direitos que os não indígenas e nossas tradições, nossa cultura e nossa língua devem ser preservadas, valorizadas e mantidas vivas.

No que tange ao idioma do nosso povo, o mesmo site apresenta a informação, segundo estudiosos do Instituto Linguístico de Verão é uma “[...] língua não classificada em família [...]”, pertencente ao tronco linguístico Macro-jê. Assim como outras línguas indígenas, a do povo Rikbaktsa, há diferenças entre as falas masculina e feminina, as quais são marcadas por terminações diferentes que denotam o sexo de quem fala. Nos dias atuais, esse povo é bilíngue, pois a Língua Portuguesa se faz presente e, com muita intensidade, entre os falantes, especialmente entre os mais jovens, os quais só fazem uso da Língua Materna à medida que se

tornam adultos, já os mais velhos, os anciãos, utilizam mais a Língua Materna e só em contato com os brancos é que falam a Língua Portuguesa.

A língua Macro-jê apresenta duas divisões, são elas: metade exogâmica, denominada Makwaratsa (de arara amarela) e Hazobitisa (arara vermelha), com vários clãs cujos nomes advêm de plantas e animais, conforme demonstra o quadro abaixo.

Quadro das Línguas do Tronco Macro-jê

<i>Makwazaktsa</i>	<i>Hazobiktsa</i>
<i>Makwaraktsa</i> : arara-amarela ("puro")	<i>Hazobiktsa</i> : arara-cabeçuda
<i>Tsikbaktsa</i> : arara-vermelhinha	<i>Umahatsa</i> : figueira
<i>Bitsitsiwktsa</i> : imbirici (fruta)	<i>Tsuãzatsa</i> : macuco
<i>Mybayknytsa</i> : macaco-coatá	<i>Tsawaratsa</i> : inajá
<i>Zuruktsa</i> : onça-preta	<i>Boroktsa</i> : árvore leiteira
<i>Wohoziwktsa</i> : arara-amarela (povão)	<i>Zeho pyrytsa</i> : jenipapo

Fonte: Povo Rikbaktsa, 2020

Em relação aos clãs Rikbaktsa, pode-se dizer que cada um possui padrões de pintura distintos. Em conformidade, como Zotsitsa (2013) a pintura é fundamental, pois cumpre um papel duplo: primeiramente, ela serve para diferenciar os clãs durante as festas e conflitos; em segundo lugar, há um outro tipo de pintura que é comum a todos. Assim, o significado da pintura consiste na sua capacidade de afirmar a identidade e a distinção de cada indivíduo dentro do seu clã.

Nessa perspectiva, entendemos que utilizar a pintura de clã diferente pode trazer doenças, acidentes, atrai coisas ruins para a pessoa que usa pintura de outro clã. Também as pessoas donas das pinturas não gostam de ver outras pessoas de outros clãs utilizando as mesmas porque sabe-se que aquela pessoa não pertence àquele clã, e essa utilização indevida denota desrespeito. Por isso, é importante que os membros de cada clã conheçam detalhadamente a sua pintura para não utilizar a dos outros (Zotsitsa, 2013).

Ainda nos dias de hoje continuamos organizados em clãs e, conforme a nossa história, o povo Rikbaktsa tem uma cultura forte, porém fomos contactados como os outros povos e isso modificou alguns costumes da nossa cultura. O contato trouxe algumas alterações, mas nunca deixamos de ser Rikbaktsa. De acordo com Polastrini (2023, p. 36) “[...] as diferentes

formas de contato entre as culturas ocidentais e indígenas trouxe ressignificações, reestruturações sociais e culturais, principalmente, para os povos originários”

Segundo Pacini com os Rikbatsa foi diferente, não eram os métodos de contato como o dos bandeirantes e dos bugreiros e próximo do ideário das missões jesuíticas, mas o Projeto de Integração da Missão Anchieta (MIA), com sua política civilizadora e catequética, deixou consequências desastrosas, esse foi um projeto de dominação fazendo muitos Rikbaktsas ficarem submissos aos missionários, mudando assim a cultura desse povo. O contato causou a depopulação Rikbakta e a desestabilização dos clãs Rikbaktsa no território tradicionalmente ocupado. Essa ação missionária de contato não se deu isolada, foi transtornada pela presença seringalista, mas também foi a ação missionária que de algum jeito facilitou em alguns sentidos a invasão seringueira.

Nos textos de Aloir Pacini (1999) está registrado que os seringueiros vieram e atropeladamente extinguiram a pacificação, da dominação missionária que era tipo dócil e suave, porque a religião é uma forma de civilização, de dominação. Essa pacificação pelos Jesuítas se deu assim pela atuação missionária na construção do “mito da pacificação”.

A Prelazia Nullius de Diamantino, desmembrada da Arquidiocese de Cuiabá, foi criada pela bula *Cura Universae Ecclesiae* do Papa Pio XI, em 22 de março de 1929, com cerca de 350.000 Km². Esse território independente da Prelazia foi confiado aos jesuítas que a denominaram Missão de Diamantino. Em 1931, Diamantino possuía 401 moradores. A Missão dos jesuítas consistia em dar base estrutural e humana à Prelazia que se tinha criado oficialmente, até atingir as condições de ser Diocese⁶⁷ (ver ilustração 7, p. 25A). No dia 21.12.1930, tomou posse o 1º Administrador Apostólico e superior dos jesuítas, Mons. du Dréneuf.⁶⁸ Em 1935 iniciou a Missão do Mangabal, no alto rio Juruena, a primeira missão indígena da Prelazia de Diamantino para trabalhar com os Nambikwara. O objetivo primeiro da escolha do “Mangabal do Juruena” para iniciar os trabalhos com grupos indígenas, foi a necessidade de um certo isolamento para evitar interferência dos civilizados. Seguiram para o Mangabal, mas o isolamento e a terra ruim constituíam problemas na implantação do projeto: a produção era insuficiente para o auto sustento. Em 1942 fez-se uma avaliação para ver se os jesuítas deveriam continuar com a Prelazia de Diamantino. Concluiu-se que o avanço dos seringueiros na região exigiria um trabalho em defesa dos grupos indígenas e passaram então a Missão para Utariti (PACINI, 1999, p. 34-65).

Muitos dos Rikbaktsas foram para a missão do Utariti, sendo que alguns foram obrigados a trabalhar com os seringueiros porque conheciam a região e essa separação impactou muito na nossa cultura, nossa língua e nossa organização. Por isso, hoje é preciso fazer muito esforço para a revitalização de muita coisa do meu povo.

3. DESCREVENDO OS COLABORADORES E OS CAMINHOS DA PESQUISA

O objetivo desse caminho/vivência da pesquisa é a produção do Caderno Multidisciplinar Rikbaktsa com narrativas na língua materna do meu povo. Para o alcance desse objetivo, a pesquisa foi articulada a partir da Escola Estadual Indígena Myhyinykyta Skiripi, situada na Aldeia Barranco Vermelho, município de Brasnorte/MT, dentro da PPGEII da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com a Secretaria de Educação de Mato Grosso (SEDUC). Para a realização do estudo, foram utilizados materiais da Biblio-Óca do povo Rikbaktsa.

Após reuniões com os anciãos e estudos e leituras foram elaborados um sumário, um plano de ação e também a seleção das narrativas, as quais são conteúdos tradicionais do meu povo para ser trabalhado na parte da diversidade da BNCC (2018) e com o conhecimento da DRC/MT (2018). Deste modo, a pesquisa de campo foi realizada com a ajuda dos professores, juntamente com alunos e anciões para a efetivação das oficinas para traduzir e transcrever as histórias e fazer o Caderno Multidisciplinar.

Os materiais produzidos passaram por ajustes e correções junto à banca de qualificação do mestrado para posteriormente a sua execução final em PDF e, a partir disso, poderão ser impressos e utilizados por professores e estudantes dos anos iniciais.

Primeiro, foi realizada uma reunião com os anciãos para explicar sobre a pesquisa e ver quem seriam os colaboradores/as, as pessoas que iriam relatar as histórias e que ajudar na escrita na língua materna.

Depois aconteceram as reuniões dos anciãos com os estudantes e ao mesmo tempo gravei as histórias que depois foram transcritas, juntamente com os professores/as e elaborado o Caderno Multidisciplinar, identificando as palavras e elaborando atividades. Essas histórias foram contadas pelos sabedores da nossa cultura, e elas são importantes para o meu povo.

Hoje, dos três territórios que temos, o que tem mais ações é na terra indígena Erikbaktsa, no município de Brasnorte/MT, por isso devemos aproveitar o máximo os nossos ações para fazermos os registro e deixarmos para as nossas crianças pra que as narrativas não sejam esquecidas.

De acordo com Thiago Hakiy (2018, p.2),

O contador de histórias sempre ocupou um papel primordial dentro do povo, era centro das atenções, ele era o portador do conhecimento, e cabia a ele a missão de transmitir às novas gerações o legado cultural dos seus ancestrais.

Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós, mostrando-nos um caleidoscópio impar, fortalecendo em nós o sentido de ser indígena. Em sua essência o indígena brasileiro sempre usou a oralidade para transmitir seus saberes, e agora ele pode usar outras tecnologias como mecanismos de transmissão. Ai está o papel da literatura indígena, produzida por escritores indígenas, que nasceram dentro da tradição oral, que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento. Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons de floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade, que encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários.

Conforme o que foi proposto na pesquisa, estive reunido na aldeia Curva (Fig. 1) no dia dois de fevereiro de dois mil e vinte e cinco e o encontro contou com a participação dos professores e alunos da Escola Estadual Indígena Myhyinykyta Skiripi, sala anexa Aldeia Curva. Às três horas da tarde iniciei a apresentação da proposta do projeto para novas análises, porque primeiro já havia comunicado à comunidade sobre esse trabalho de mestrado. Falei sobre o título da dissertação: LÍNGUA MATERNA E NARRATIVAS DO POVO RIKBAKTSA: CONSTRUINDO A LITERATURA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA e expliquei que por problemas pessoais precisava adiantar o trabalho nesse momento, assim, depois de apresentar a proposta, escutei as opiniões e os conselhos da comunidade. Os presentes gostaram da ideia e disseram que iriam colaborar para ajudar nesse fortalecimento cultural porque é importante e também reconheceram as mudanças pelas quais estamos passando em relação à língua materna, às influências da língua portuguesa cada vez mais fortes e os mais velhos disseram que estão ficando preocupados. Essa realidade é vista com muita tristeza, porque já tivemos perdas da língua no passado, quando tudo teve início, mas atualmente parece estar mais difícil que outrora.

Figura 2 – Reunião na Aldeia Curva – Terra Indígena Erikpaktsa – Município de Brasnorte/MT



Fonte: arquivo do pesquisador/2025

Os anciões acreditam que a escola pode ajudar e por isso se comprometeram em acompanhar e estarem juntos na produção do material pedagógico que depois de pronto vai ser usado em sala de aula. O professor Juarez, que é professor e tradutor da língua materna, aceitou e ficou contente em ajudar na escrita do material na língua materna e em português, fazendo a correção e a tradução na escrita.

O ancião Aroldo, morador da aldeia Curva, se dispôs a contar a história na língua materna que foi gravada por mim e os alunos e demais professores, pois este é um trabalho coletivo, além disso os desenhos das personagens das histórias contadas que serão anexados ao material serão organizados junto com os estudantes. Observei na reunião que a comunidade se mostrou bastante empolgada e acreditando nesse trabalho.

Também fez parte da equipe (Fig. 3) que acompanhou e desenvolveu a pesquisa junto comigo a professora Jussara Pedro Gonsalves, formada em pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e à direita a professora Marivnia Wabaha, formada em pedagogia Intercultural/FAIND/UNEMAT e, ao meio, os alunos do ensino médio que contribuíram desenhando as personagens das histórias contadas pelo ancião.

Figura 3 – Equipe de apoiadores e participantes da pesquisa



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2025

A pesquisa ocorreu dentro da aldeia, numa atividade que procura envolver a todos, principalmente os sábios da cultura e as pessoas que dominam a língua materna.

3.1 Os narradores da pesquisa

Vou apresentar os principais colaboradores da pesquisa porque essas pessoas são importantes para a comunidade, para o fortalecimento da nossa cultura, da nossa língua e ajudam a melhorar a qualidade do ensino da língua materna na escola.

O primeiro colaborador é o professor Juarez Paimy (Fig. 4), nascido em 04/04/1968, formado em nível de Magistério Intercultural, ele é um dos dois professores falantes ativos e escreve na língua materna Rikbaktsa, morador da aldeia Curva da terra indígena Erikpaktsa, no município de Brasnorte/MT e professor da aldeia Areia Branca, sala anexa da Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi. O professor é uma grande liderança e fez parte de várias lutas em prol da educação escolar indígena, é diferenciado, sempre apoia a causa indígena e a valorização da educação escolar indígena, específico e diferenciado, participa ativamente dos rituais de dança e faz artesanatos, pertence ao clã da arara cabeçuda.

Figura 4 – Juarez Paimy



Fonte: arquivo do pesquisador, 2025

O segundo colaborador, que é muito importante, é o ancião e sábio senhor Aroldo Hahotok Rikbakta (Fig. 4), nascido em 12/01/1938, hoje com 87 anos de idade, ele foi o contador de história e é uma das lideranças tradicionais. Já foi cacique e participou da demarcação dos três territórios que pertencem ao povo Rikbaktsa, o território Erikpatsa, território Japura e o território Escodido, que pertence ao clã da arara cabeçuda, além disso, é um dos responsáveis por arrumar as flautas para a festa tradicional, hoje com 87 anos de idade ainda caminha, conta histórias, planta e cuida da sua roça tradicional, faz seus artesanatos, planta e colhe os alimentos tradicionais. Também é conhecedor de muitos remédios tradicionais. Para nós, ele é uma biblioteca viva porque sempre que temos dúvidas em relação aos costumes tradicionais, recorremos a ele, que sempre está à disposição. É uma pessoa ainda muito ativa.

Figura 5 – Aroldo Hohotak Rikbakta



Fonte: arquivo do pesquisador, 2025

3.2 Organização do material de literatura e língua materna Rikbaktsa

A organização do material com as nossas narrativas Rikbaktsa está estruturada em três capítulos, sendo que cada um conta um mito, uma história que foi contada entre as gerações e essa história foi escrita na língua materna e teve a versão para o português e também desenhos das personagens da história contada.

A primeira história é nomeada “Festa dos peixes”, no material aparece primeiro a história na língua materna e depois na língua portuguesa. Depois, junto com os professores, criamos perguntas e atividades interdisciplinares no livro para ser usado como material para trabalhar em sala.

A segunda é o “Segredo do Cachiguelê” e conta a história que esse animal queria enganar as araras fingindo que a castanha do Brasil era coisa ruim, que dava coró no corpo, isso tudo para afastar as araras.

A terceira história é nomeada “O xiri”, que andava sozinho e relata que ele tinha perna, até que sua perna foi cortada e quem cortou foi o caxinguelê, mas o xiri é feito pelos Rikbaktsa e antes era muito usado para carregar os produtos de coleta, da roça também.

O material contém as histórias e atividades para os alunos desenvolverem sobre os conhecimentos que têm sobre as histórias e sobre as coisas, como por exemplo, sobre o peixe lambari, a castanha, as araras; isso para que os estudantes possam aprender as histórias e outros conhecimentos.

Algumas atividades foram desenvolvidas com os estudantes do ensino médio e eles escreveram pequenos textos e fizeram pesquisas, aprendem a literatura Rikbatsa junto com outros conhecimentos que são importantes para nós. Os textos das histórias compõem a nossa literatura e estão em língua materna, porque são meios de mostrar e ensinar a escrita na língua originária, pois ela é nossa identidade e também memória.

4 LÍNGUA MATERNA E LITERATURA INDÍGENA: ARTICULAÇÕES DA MEMÓRIA

Nesse capítulo será abordada a língua materna escrita como caminho para a literatura indígena contemporânea.

4.1 A língua materna escrita e sua importância para a literatura indígena

A escrita é uma forma de comunicação e registro hegemônico da cultura ocidental, portanto, foi utilizada e deixada pelo invasor durante os períodos da colonização nas Américas. Somente a escrita do invasor foi valorizada e imposta. As línguas indígenas que possuíam escrita durante a colonização tiveram seus registros apagados, como também os livros, etc.

A escrita é importante para os povos indígenas porque hoje entendemos que ela é uma forma de registrar a nossa cultura, a nossa memória, o nosso jeito de viver porque também aos outras pessoas possam conhecer sobre nosso povo e a nossa cultura. A escrita foi ensinada pelos missionários e muitos aprenderam a escrever na nossa própria língua porque os padres aprendiam nossa língua e escreviam e depois também foi aprendido o português, que é importante aprender, pois os documentos do país estão nessa língua e sabendo ler e escrever nessa língua, facilita muito a conquista de direitos, de luta no território, de luta na saúde, porque essa é a língua falada no Brasil.

Escrever na língua é importante porque ela é nossa mesmo, é a nossa identidade e também é uma luta, não é fácil escrever na língua porque na história, todos os povos indígenas foram maltratados, nunca foi dado valor às línguas indígenas. Atualmente, porque é outro tempo, ainda que haja violência, estamos na luta para dar continuidade à nossa cultura e a língua faz parte da nossa cultura. Desse modo, escrever na língua nossa é sinônimo de resistência e luta. Escrever na língua nossa é falar que nós somos Rikbaktsa, que existimos, que temos língua própria, que ela é nossa identidade, nossa cultura. Mesmo que haja dificuldade, é o resultado da história do nosso contato e influência do linguagem brasileira geral.

A literatura indígena, que é contar nossas histórias, é importante porque ela registra o que é nosso e o que faz parte da nossa memória, do que aprendemos com os mais velhos, mas que também nós sabemos e ensinamos para as crianças. É literatura porque eu as escrevo, mas

elas são nossas histórias mesmo. Também escrevemos para que os outros leiam e saibam sobre nós, contudo, existem poucas publicações acerca do que escrevemos e então precisamos que nossas escritas sejam publicadas, mas o recurso é muito difícil. Se fossem publicadas e as pessoas lessem, saberiam sobre os Rikbaktsa. O lugar da oralidade é escrever direitinho como as histórias são de verdade e escutar o que falam os anciãos, assim, o que está na oralidade, está no texto escrito, com o registro do que temos nas nossas memórias. De acordo com Polastrini (2023, p. 36), “[...] a oralidade é um recurso de comunicação, transmissão e manutenção sociocultural”.

Polastrini explica que existe uma tensão entre o escrito e o oral, quando é na oralidade a comunicação é direta, como quando conversamos direto com o ancião e quando é escrita, quando relatamos a história contada pelo ancião, não direto e os que vão ler podem não entender rápido porque não têm o interlocutor, que é o ancião.

A oralidade é muito importante para o nosso povo, mas precisamos registrar os nossos saberes e a nossa cultura, pois como enfatiza Polastrini (2023), é a partir do mnemônico que é a memória que podemos registrar os nossos saberes.

4.2 Oralidade e escrita: as duas faces da literatura indígena

A oralidade e a escrita são elementos integradores deste trabalho e da literatura indígena. O trabalho é feito a partir das narrativas orais do meu povo. Procurei ouvir as histórias e as registrei. Depois, levei para escola para trabalhar a leitura, o aprendizado das palavras na língua materna. “As relações entre oralidade-escrita-escola tornam-se intrínsecas” (Polastrini, 2023, p. 38).

A educação escolar indígena (ensino básico ou superior), a priori, seguiu estruturas baseadas em modelos da educação ocidental quanto aos métodos, currículos e avaliações. No entanto, com o passar do tempo e com as experiências vivenciadas, as instituições buscaram trazer para suas estruturas curriculares mais aproximações com a realidade de cada povo indígena, além da concepção de uma escola bilíngue/multilíngue e intercultural (Polastrini, 2023, p.38).

A literatura indígena é tudo o que tem a ver as histórias contadas pelas memórias que são passadas de geração em geração. Então, tudo que tem no nosso povo, que explica a nossa vida, o nosso modo de ser Rikbaktsa faz parte da nossa ancestralidade e, quando é trabalhada de forma escrita na escola, se torna uma literatura indígena.

Segundo Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, falando da geógrafa Márcia Wayna Kambeba (2018, p.2 1),

Na literatura indígena, a escrita assim como o canto, tem peso ancestral. Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade. Essa palavra está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. Não quero dizer aqui que a prática da oralidade tenha se cristalizado no tempo. Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento. À noite o indígena sonha com o que vai ser escrito ou com a música a ser cantada com os guerreiros da aldeia. Acredita-se que quem escreve recebe influências de espíritos ancestrais, do encantados, por isso a literatura dos povos da floresta é percebida com um valor material e imaterial.

As palavras da autora, ao enfatizar que a fala possui um valor imaterial, evidenciam que a oralidade denota o próprio povo, a ancestralidade, o jeito de viver e de acreditar na vida. E como tem mudado muito a forma da oralidade, os horários, a escola, o trabalho como é hoje, muita coisa interfere nos momentos de aprendizagem da nossa educação própria, é importante que além dos lugares em que vivemos, é necessário juntar as histórias que temos e deixar registrado, contá-las para que as novas gerações entendam a importância da mesma para nosso povo.

Segundo Márcia Wayna Kambeba (2018, p. 40),

A arte de escrever tem contribuído para que nas aldeias os povos catalogassem narrativas contadas pelos mais velhos e que, depois de serem transformadas em livro, as crianças na sala de aula conseguissem se imaginar nesse universo pela escuta e leitura dessas narrativas. Ela nos dá possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território.

É importante para nós que as histórias fiquem escritas em língua materna e na língua portuguesa e que tenha gravação na língua materna. Assim considerando, são contadas três histórias aqui nesta parte da pesquisa, a primeira é a história da Festa dos peixes, a segunda é a história do Caxinguelê e a terceira é sobre o xiri. A literatura é o registro da memória e dos nossos saberes na escrita e

[...] a escrita para os indígenas torna-se lugar/espço/atemporal, guardiã das memórias ancestrais, das histórias míticas, do universo dos sonhos, dos espíritos, dos seres encantados, além de ecoar as vozes dos indígenas do presente, dos que estão em movimento, em resistência, projetando suas ideias, reivindicações para além de seus territórios (Polastrini, 2023, p. 39).

A escrita na literatura só existe porque nós, povos indígenas, registramos a nossa memória, que é transmitida em ensinamentos através da oralidade e da experiência das nossas próprias vidas. Então, a escrita precisa da oralidade, a escola precisa da oralidade tradicional e aprender a registrar. Assim como a escola está toda envolvida com os nossos saberes, nesse trabalho primeiro fui até o ancião e gravei a história em língua portuguesa, para que eu e os alunos entendêssemos porque muitos não somos mais falantes, em decorrência do contato com o homem branco, que alterou e impactou nossa língua.

Levei a gravação da fala do ancião na sala de aula para explicar que era uma pesquisa, eles ouviram a narrativa. Desse modo, primeiro os alunos tiveram contato com uma narrativa gravada, e isso foi feito desta forma porque o ancião que contou as narrativas mora muito longe, em outra aldeia e não tive condições econômicas de levar ele até os alunos e nem os alunos até ele. A partir dessas narrativas, os alunos produziram os desenhos com a ajuda do professor Juarez, que é da língua materna e ele fala e escreve e foi ele que, junto comigo, apresentou os textos na língua materna e trabalhamos palavras e ele leu e explicou o som das palavras. Os nome dos animais eles já conheciam na língua materna, aprenderam outras palavras e observaram o texto e ficaram interessados em escrever na língua materna, porém não foi fácil. Trabalhos com eles algumas frases, é um trabalho difícil mas estamos nessa luta de revitalização da nossa língua.

4.3 A festa dos peixes

A primeira história foi contada por meu avô Aroldo, morador da aldeia Primavera, na terra indígena Erikbaktsa, no município de Brasnorte/MT. A história foi contada em sua casa, onde ele tirou um tempo para me receber e contar a história “A festa dos peixes”.

Chegando em sua casa, ele me recebeu muito bem, primeiro tomamos um café, conversamos sobre outros assuntos, contamos outras histórias do dia a dia e demos risadas.

Então, depois dessa conversa primeira com meu avô, perguntei se ele poderia começar a contar a história sobre A festa dos peixes. Ele sorriu e depois começou a contar a história que vai ser registrada no livro. Eu me senti tão satisfeito em ouvir a história contada diretamente pelo ancião, primeiro ele contou na língua materna, depois traduziu para o português. A história quando é contada direto pelo mais velho, tem mais gosto de ser ouvida, a gente viaja e cria as personagens da história na cabeça da gente, a história tem mais sentido, antes eu tinha conhecimento acerca dessa história pelo livro O Pensamento Mítico do Erikbaktsa, de Adalberto Holanda Pereira, que não é a mesma coisa quando ela é contada pela

voz do ancião. Por isso, ela precisa ser contada, pois eu já faço parte de uma geração que ouviu poucas histórias diretamente dos anciãos. Não sei bem porque isso aconteceu, como foram parando de relatar as histórias no coletivo, mas é preciso retornar esse valor na escola, mas também na comunidade.

Porém, para conseguir o que queremos com um Rikbaktsa ancião, é preciso muita paciência e convencer a fazer o que é preciso porque as histórias não são contadas a qualquer hora, mas como era para a pesquisa, foi preciso contar. A gente aprende sentando junto com os mais velhos e o meu avô tem 73 anos e ainda é uma pessoa muito ativo e brincalhona.

Ele contou assim na língua materna:

4.3.1 Piknutsa Myikaha

Atapara umõa ezi, wastuhu Rikbaktsa niwak nahã, buburu zuba sak taba niu kuru nahã zehabo.

Unata zumu ze pihik sak humo zu nahã, pihik apiko aha wataba. Stuba idikwi-ityhykyta zibeze nahã, ziboro nahã.

Kyze unu pokte zumua ze, piknutsa pihik tsik tsihi ze zika zipok nahã. Okó ze ky wa niu. Piknutsa kiny ta hak mã humo atsoko ykbakta niahã, nikareke nahã.

- Piknutsa kiny ta aksoho um ykbata.

-Pany tyna mysk para nahã.

Ustuba rikbaktsa inapopo, ziwabyky, tsisapãena si saki bazikwy.

– óó, popo tahak tsa kyitsa, piknutsa mu kareki nahã niy. -Tupa sibo iktsa tsimãhã. Iwatsa hi atsoko pitsi ty bu, bu buhyk pok, pok pokyk, nokpo sibo duk duk niahã.

Idikwi-ityhykyta si hare baba ni kare ki, kuria kuria tsa tuk.

Iwabete pusizatsa, sizezetsa tuk nikareki nahã.

Iwaze iwabete wahatsa si zeze byitsa tuk,. Terã,terã tsa tuk.

Idikwi tsaiikita, izeze batuk a sa kiny nikareki nahã, Bretu bre, bre ...

Piknutsa apik wytykyryk kiny istsipatsa ykmã tsiza spazazi humõ paik paik kikba ta há pytsa tsipa humõ paik paik nika nahã.

Taha watu spy kakatsa. Si nahãtsa kiny ba siwatu, pu, pu, kuba si zezetsa. Rikbaktsa nispusaka nahãtsa, óó, piknutsa siak mã sapãetsa.

– yhy,,, mamy zuzaka nahã já?

Kaze nepyk nahã ze, piknutsa pihik kiny atsoko py dyba niy.

Pihik ni tsik tunihi byi. iwaze piknutsa zik siki nahã.

Bibipyryk dyba nitare já pizi tsaíí kita.

Iwaze pihik nitsik nuru byi. Byíí, inakok ze, Rikbaktsa bibipyryk tuk nipamy kosoko nahã. – hawãta as ikia tsik tare?

– óó, ikoktsi tahi iktare hiy.

Iwa tsa hi Rikbaktsa piknutsa sopyk zia se nahã, bekze tsa pik wy.

Atapara ka batu niwahã ka humo myhyinymy. Iwaze wy tsinymyrykynahã bekze pikwy humo.

A seguir , essa história também foi registrada em língua portuguesa

4.3.2 A festa dos peixes

No tempo da seca, alguns Rikbaktsa saíram para caçar, subiram um rio muito grande. Em uma noite, acamparam a beira do rio ao lado de umas cachoeiras muito forte, mataram um pacu pintado, assaram, comeram e foram dormir. Lá pela meia noite ouviram os peixes acenderem as luzes dentro do rio, ficando claro como se fosse de dia. Os peixes começaram dançar e tocar flauta, era uma festa muito animado.

Os peixes saíram do fundo do rio e começaram a dançar e tocar flauta no seco e o peixe agulha armou a rede no seco. Os peixes diziam venha, vem aqui ver a nossa festa. Um Rikbaktsa acordou nessa hora e ouviu o toque bonito das flautas e acordou os outros Rikbaktsa e disse: ei pessoal! Acorda, os peixes estão fazendo festas vamos lá ver. Os Rikbaktsa fizeram uma vela de castanha-do-pará e acenderam e foram olhar a festa.

O pacu pintado dançava na frente e tocava a flauta curta Kuria...kuria...kuria...kuria. Depois vinha a traira dançando e tocando a flauta comprida Kruka...kruka...kruka... Em seguida, vinha o pacu peva dançando e tocando uma flauta curta também brêtûbrê... brêtûbrê... brêtûbrê... atrás de cada peixe dançava uma peixe fêmea, segurando num broto de buriti preso uma ponta no seu marido. Todos tinham um chocalho amarrado na perna e uns colares compridos no pescoço, o colar das peixes fêmeas ia até quase o chão.

Os Rikbaktsa olhavam e diziam como os peixes tocam e dançam bem bonitos nem? Eles devem estar é agorando a gente!

No final, os peixes terminaram a festa e foram embora, voltando novamente para o fundo do rio, menos o lambari de rabo vermelho, os peixes tiraram a força da cachoeira ficando uma água bem calma.

Quando amnhaceceu, os Rikbaktsa perguntaram ao lambari de rabo vermelho: por que você ficou? Ele respondeu, porque estou de Birra.

Os Rikbaktsa continuaram a caçada até antes de verem a festa dos peixes, o povo Rikbaktsa não fazia festa, como a festa da tempo da seca e da chuva, nós acreditamos que aprendemos com os peixes.

A festa do peixe, é que fez com que nós os Rikbaktsa começássemos a organizar nossas próprias festas.

Figura 6 – Desenhos das personagens da história feitos pelos alunos do ensino médio



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2025

Além dos desenhos, os alunos desenvolveram outras atividades como a produção de texto sobre o lambari do rabo vermelho.

O Lambari do rabo vermelho vive nos rio e córregos em torno do território onde nós Rikbaktsa vivem, ele se alimenta de insetos e frutos que cai na agua, deste do antepassado nós já consumiu esse peixe, comemos ele cozido ou assado em palha de bananeira ou pacová, para pegar esse peixe geralmente pegamos mais na época da seca no tempo que as os rios, córregos e lagos estão mais baixo, pescamos eles com anzol linhadas e minhocas pequenas, em pequenos lagos quando está bem seco os córregos pegamos eles até com a peneira, mas muitas das vezes pescamos esse peixe com o timbó onde matamos vários peixes para fazer um assado na folha de bananeira ou pacová.

Alunos do ensino médio

4.4 A história do Caxinguelê

Essa história é a segunda que compoe a presente pesquisa. Como já escrevi, ela é parte da nossa cultura, mas é também parte da literatura Rikbaktsa porque estamos entendendo que na escola passa a ter uma classificação, mas para o meu povo são as nossas histórias. As histórias contadas foram sendo trabalhadas junto com os estudantes do ensino médio e pedi para que produzissem alguns textos também, para que pudessem expressar seus pensamentos, sempre fui pedindo para fazerem em grupo. Eles conversavam e depois escreviam, foram vários pequenos textos. Isso sempre depois que conversávamos sobre as histórias, as nossas histórias.

O texto que está abaixo fala sobre o caxinguelê.

TOHOZA SPIKBATAWY

Atapara, tohoza dyba pitsi zik zi nykyry. usta okoro ezi tohoza, hazobik tsikbatsa makwarak aha tsitsa hape tok niwak nahã. Pitsi orok bo zumu nahá ze, sa ustsak tsa batu sinyhy pitsi humo. Hapek tok ni pamykosoko nahã. Ôô... pitsi tak pyk ta? -Yhyy, aidyk te. - Aty skaba ipunihik ta atapara my? -Utak ta batu. – tohoza uta da. -Niy. Tohoza kiny pitsieyk

zipo. Pitsi zi boro. Pitsi wãhã ty ta piak bo kuru kuru by niy. Iwaze ôô wuinuputsa ke ziaha.tahabyi kôdô nikara. Atsoko mybarapeto. Ôô nuika ba ziboro nahãkta niy. Uta batu katyk myi ziu amybarapeto nikara. – jakmye há já. Ka pyspykãeta mykara. Ezedohokok, babyita tu wytyk bo pe dyba niy. Pitsi wãhã ty ta piak zyky nãha~pe kiny ôô wuinuputsa nikara. Ituk nikara nãhãtsa kiny ity piak zy piak zy nikara nãhã asa kiny tahabyi kôdô kôdô ibu, batu si hirik ze konôre. Batu kyik ahabita. Iwatsa hi asa kiny zi arekik nãhã. Nokpo usta pitsi bo nitururuk nãhã. Iwaze tohoza kiny atsoko kyik tuko niy. Ta poiktsa ty dyba dodore ta sapy baba eze, ata kiny kôe pitsi ty puhryk niy. Tiskbatsatsa kiny batu pitsi bo duk, iwatsa hi akotsoko etetero asta botu duk zo nia hã. Tohoza poiktsa dyba ni sinykyry nãhã. Asa kiny ôô nimyspikbatahik daktã niahã. Katsa tu takpyk ta niahã.iwatsahi iha ty wabebehyk. Hazobik pe tsiak pyk ta, pitsi budu hy. kia kiny atsapu puitsik ba hy niwazeka Wasani hy. Hazobik kiny atsoko pitsi zipo, idaba ty sibo nyny nyny ba siwatu.- taha tukto nipamykoso nãhã, -ôô nawatahi da nimyspik bataka niahã. Tsiboro spãena nikara nãhã. Batu amytohi. Tsisa pãena. Mybarapeto dyba nikara tohoza kiny.iwaze zik sikiri nãhã, tawatu tunihi ty pupu kuba niahã. Hazobik ta tunihi tu pôetsik bita ezi ziskik. Ustsaktsa batu jokboha taeri tu ezi skik nãhã. Iwa niatsa hi ta wahoro bo iziksi nãhã. Pahakba zu nãhã zo tohoza ibu niukuru zo, batu isapy bo dyba iktsa niy batu tsikãene dyba teteteryk niy. Jahokota ziktsa ty izubawy tu pokpokyk niy ta wahoro ziksi.

O SEGREDO DO CAXINGUELÊ

Há muito tempo atrás, somente os macacos conheciam a castanha-do-pará. Um certo dia, o Caxingulê, a arara cabeçuda, a arara vermelha e a arara amarela foram juntas caçar na mata, lá encontraram um pé de castanha-do-brasil e como nenhum deles conhecia, saiu a conversinha entre eles, vamos experimentar a castanha?

Vamos sim. Responderam, quem tem a coragem de experimetar primeiro?

Eu não tenho.

Eu também não.

Eu tenho. Respondeu o caxinguelê.

O caxinguelê rachou um ouriço, comeu uma castanha e ainda passou um bagaço da castanha no corpo, para dizer que era coró. Ficou olhando por aí e depois falou fingindo. Esse aqui não podemos comer, não estou me sentindo bem, acho que é veneno e começou a vomitar e caiu no chão.

O bagaço da castanha que passou no corpo eles vão pensar que é coró, no pensar do caxinguelê. As araras fizeram massagens no corpo dele não levantava nunca, as araras deixaram ele ali e foram para outro pé de castanha, nessa hora o caxinguelê deu um pulo e levantou. Deixou uma caveira ali no seu lugar e foi embora também levando as castanhas.

As araras não encontraram as castanhas em outro pé e voltaram para o mesmo lugar e encontraram a caveira no lugar do caxinguelê. Disseram, acho que aquela hora ele estava mentido, a gente mesmo vai experimentar a castanha.

Juntaram a uns ouriço e disseram para a arara cabeçuda: experimenta você primeiro, é uma castanha grande, como você tem a boca grande vai caber certinho na sua boca.

A arara cabeçuda quebrou um ouriço e deu deu um pedaço de castanha para a arara amarela, todos comeram e falaram ao mesmo tempo.

Tá vendo como é gostoso e não faz mal pra ninguém, era mentira do caxinguelê. A arara cabeçuda encheu um xiri bem fundo só de castanha bem grande, a arara vermelha encheu um xiri pequeno de castanha pequena, a arara amarela encheu um xiri bem pequeno de castanha bem pequena e todos foram embora para casa. Um tempo depois, o caxinguelê voltou ao mesmo pé de castanha achou só um pedacinho da castanha, pegou uma fruta amarga e passou no pedaço da castanha e foi embora.

Figura 7 – Desenhos das personagens da história feitos pelos alunos do ensino médio





Fonte: arquivo do pesquisador, 2025

O caxinguelê é um animal muito lindo que vive no nosso território, antigamente ele era criado como animal de estimação por ele ser um animal muito pequeno não dá pra comer, hoje em dia é muito raro encontrar esse animal, não sabemos o motivo o por que desse animal está sumindo, mas quando consegue encontra ele e capturar as famílias cuida dele como bicho de estimação ele consome vários alimentos como a castanha, cocô do mato e outros frutos.

Texto feito por alunos do ensino médio. LETICIA REBECA TAIKWY RIKBAKTATSA e ORNANDES DOPÓ RIKBAKTA

4. 5 O xiri andava sozinho

Essa história do xiri que andava sozinho complementa outra história e ensina que devemos compartilhar as coisas com os outros.

TUNIHI ATADYBA ZIKZITABAKA

Atapara ka tsimy hyhykaina, atsaetze baha zikzuruku naha my hudikhydikwy puitsik bara atsokok, ustataba kyka tsikaine. zubakaeze kyka watok humu kiny batu ziwe naha. wytyk marõ zi tsazikik, wanu diwy kiny niwatihi antu zik natadiki. iwaze kyitsa kiny. -ôô,, zodo humo karapãeta ziknakanaha ze tunihi si disahawy sibo zikziskik. nanabyi humo tihi, ôô, - pitsi humo kapaeta; na kiny ibu õõ duk, bita zik naka. zodo humo kiny niwatihi. pete humo kiny niwati, nanabyi wuihara humo kiny ibu zikziskik. aebawy ze dyba tohoza kiny tunihi

ektsa nistehe, tohoza kiny usa izubaha puhuk babyi ziky eizi zikzuku, myzubaha bo inakodoe tahi tunihi atadyba izumukuta si disahawy tuk izumuku, ata kiny taziukzi byispyk ze ektsa tehek. iwatsahi aba kiny niwaha bo tsik mysapy nahã. atapakyka my so pyk nihokda iwatsahi aba kiny katsatu mydisahawy nataskik. tohoza iwa niyzihi pitsi horok kiny joboni niyzikik, tapaka wytyk spe buktu jypuk. i sapa kiny jububa.

O XIRI ANDAVA SOZINHO

De primeiro, era muita gente.

Havia uma aldeia grande de um lado e, outra pequena, de outro. Na aldeia grande, a derrubada se fazia sozinha. A mulher fazia o novelo de linha e a rede se fazia sozinha. Quando o pessoal da aldeia grande ficava com fome, uma mulher falava: - Eu queria beber mel com água; ou, eu queria comer carne fresca; ou, eu queria milho-fofo; ou, eu queria batata-doce; ou, queria inajá; ou, eu queria lenha; ou, eu queria patuá; ou, eu queria bacava; ou, eu queria pequi-do-mato; ou, eu queria mandioca-mansa; ou, queria banana; ou, eu queria peixe; ou, eu queria castanha do para; tudo isso vinha no xiri, andando sozinho, carregando as coisas sem ninguém.

Cada coisa era repartida para todos da aldeia grande. A aldeia grande não precisava trabalhar muito, todos comiam e nunca passavam fome. Naquele tempo, o pé de castanha-do-pará era bem baixinho, da altura de uma casa. Os galhos roçavam o chão e nem era preciso subir para apanhar castanha-do-pará verde. Por isso, o xiri apanha sozinho. Também, quando uma pessoa queria ir a outra aldeia, bastava colocar a rede e as outras coisas num xiri e viajava sem nada. Quando parava para descansar, lá na frente, logo chegava o xiri com as coisas. A pessoa só tirava a rede do xiri e ela se amarrava sozinha.

A vida na aldeia grande era muito boa e fácil. O caxinguelê era da aldeia pequena. O xiri não trazia nada para esta aldeia e o pessoal dali passava fome, comia mal e lutava para viver. Um dia, uns homens da aldeia grande foram a aldeia pequena e falaram: - Na nossa aldeia, o xiri traz as coisas sozinho; a gente não precisa trabalhar muito, todo mundo come e bebe bem e nunca passamos fome. - Ah, sim! Passou um tempo, o caxinguelê foi com outro homem à aldeia grande, para ver se aquela conversa era certa mesmo. Quando os dois chegaram lá, a mulher que chamava as coisas não estava em casa. Mas nesta hora, chegou um xiri grande, andando sozinho, cheio de castanha-do-pará.

O caxinguelê era o dono dos pés de castanha-do-pará. Por isso ficou com raiva a puf cortou as pernas do xiri. O caxinguelê e o homem voltaram. Lá na frente, o caxinguelê foi

soprando os pés de castanha-do-pará, -huf, huf... e eles começaram a crescer certa hora, o homem disse: - Para de assoprar! Já cresceram bastante. - Não, eu quero mais alto: huf, huf... O pessoal da aldeia grande vai ter que sofrer também, apanhando e carregando a castanha-do-pará!! Huf, huf... os pés de castanha-do-pará ficaram bem altos. Não demorou muito, a mulher que chamava as coisas chegou na aldeia grande e disse: - Eu queria castanha-do-pará. E nada de xiri com castanha-do-pará chegar! Daqui para frente, se alguém quiser castanha-do-pará, precisa subir no pé da castanheira para tirar castanha verde e carregar para casa.

Depois de apresentar a história para os alunos do ensino médio, conversamos sobre a história fazendo interpretações e compreendendo os seus significados na nossa cultura. Conversamos sobre nossa aldeia, a coleta de castanha e os preparos que fazemos com o uso da castanha. Também conversamos sobre o xiri, o saber dos artesões quando fazem o xiri.

No momento em que os alunos produziam os textos, buscando informações como pesquisa, o que mais chamava atenção eram as histórias que eles puderam ler em língua portuguesa e olharam em língua materna, algumas palavras foram sendo aprendidas e alguns alunos sabem que têm pessoas na sua família que sabem a língua.

O xiri é um objeto que serve para transportar os alimentos da roça ou do mato, nelas transportamos até mesmo as caças, o xiri é feito de taquara o que tem mais resistência e o de palhas de açai que são feitos na hora e depois de usado é descartado na natureza, até hoje ainda o meu povo utiliza muito o xiri para fazer o transporte das coisas quando não temos a sacola industrializado e também é mais prático para fazer e utilizar e também não polui o meio ambiente.

Texto escrito por alunos do ensino médio RAIANE RAYLA MUMA RIKBAKTATSA, EMANUELLE HARABOAN RIKBAKTATSA e ALERANDRO ZEHAMY RIKBAKTA

Também fizemos diálogo sobre os nossos clãs, apresentei fotografia de pessoas de clãs diferentes para que identificassem a que clã pertenciam.



Anny Sophia Atsaba

Este é uma menina do clã da arara vermelha sub-clã da arara amarela, esta pintura pequena e seus adereço tradicional identifica o seu clã nas festa tradicionais, nas festas ela deve ficar somente no grupo junto com o seu clã e sub clãs, ela pode casar somente com a pessoa do clã da arara cabeçada ou alguém do sub clã da arara cabeçada, ela não deve casar com alguém do seu próprio clã. Os filhos tem o clã do pai nunca o clã da mãe.

Texto escrito por aluno do ensino médio. ERIK GUSTAVO ZIKATEDE PAIMY e ORNANDES DOPÓ RIKBAKTA



Bonifacil, ancião morador da aldeia Primavera

Este é um ancião do clã da arara cabeçada ele esta usando a pintura e seus adereço que são sempre usados nas festas tradicional, nas festas tradicionais ele deve ficar sempre junto com o seu clã e sub clã e esse clã tem o papel fundamenta que é preparara a flauta e o seu sub clã o jenipapo que prepara a tinta do jenipapo para todos se pintarem nas festas já o clã da arara amarela e o seu suclã não pode prepara a tinta e nem preparar a flauta. O clã da arara cabeçada deve casar somente com o clã e subclã da arara amarela. Os filhos também herda o clã do pai.

Texto feito por alunos do ensino médio. SELMA NATSO RIKBAKTA e GUSTAVO GONÇALVES ZOPAMA

Trabalhar a literatura Rikbatsda é trabalhar a memória, a nossa identidade e também desenvolver outras atividades a partir dela. De acordo com Kambeba (2018), escrever é uma arte e escutar as histórias é falar dos nossos conhecimentos, dos saberes da natureza do território onde vivemos e também ver que as histórias explicam sobre nós mesmos.

As atividades desenvolvidas com a conversa sobre nossas histórias também ajudaram a fazer outros tipos de escrita sobre o que temos no nosso território, ajudaram os alunos a escreverem sobre o nosso povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi muito importante, aprendi muitas coisas que eu não sabia e isso foi muito significativo para mim como mestrando do Programa de Pós-Graduação – PPGECH. Foi uma experiência fantástica que levarei para a minha vida toda. Foi um grande desafio realizar a construção desse trabalho, mas tenho clareza de que vai servir de registro para todos os que no futuro forem desenvolver pesquisas em relação às narrativas do meu povo Rikbaktsa e também contribuirá para o conhecimento das futuras gerações Rikbaktsa.

Ter um mestrado concluído é um momento de orgulho tanto para mim como para a minha família e também para o meu povo Rikbaktsa. Sabemos que não foi fácil, tudo o que passamos durante a trajetória para chegar até aqui, mas a vida é assim, cheia de altos e baixos, cheia de imprevistos e vitórias e não devemos baixar a cabeça, ter uma pessoa com nível de graduação ou pós-graduação é motivo de muito orgulho dentro da minha comunidade e do meu povo Rikbaktsa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília**, 2018.

Caderno multidisciplinar. Tekoa Marangatu - Mbara ete anhetegua mbya arandú [recurso eletrônico] = Fortalecimento da cultura mbya guarani: caderno multidisciplinar tekoa marangatu / organizadores Ricardo Benite ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Florianópolis : UFSC, 2018.

HAKIY, Tiago. **Literatura indígena – a voz da ancestralidade**. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Literatura indígena: da oralidade à memória escrita**. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MATO GROSSO. Secretaria de Educação de Mato Grosso. **Documento de Referencia Curricular para Mato Grosso; Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Mato Grosso**, 2018.

OLIVEIRA, Mileide Terres de. Educação indígena: uma atitude positiva pela preservação da língua Rikbaktsa. **Revista Diadorim**:v. 22, n. 1 (2020). <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/32048>

POLASTRINI, Leandro Faustino. **Representações e poder nas literaturas indígenas: brasileira e colombiana** [recurso eletrônico]. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso. Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2023.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Prefácio - Falas à espera de escuta**. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

TREMAINE, Sheila. **Dicionário Rikbakta. Composto pela Associação Internacional de Lingüística** – SIL Brasil Cuiabá – MT, 2007. https://www.sil.org/system/files/reapdata/23/74/77/23747713988086297350702187859467_170352/RKDic.pdf.

PACINI, Aloir. **PACIFICAR - Relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa**. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 1999.

POVO RIKBAKTSA. **Plano de Gestão territorial e ambiental Rikbaktsa**. Mato Grosso: Opan, 2020.

ZOTSITSA, Idinei. Cartilha “**Pintura Corporal Rikbaktsa**”, Juína, 2013.

NARRATIVA RIKBAK TSA



MORAIS CEZAR

APRESENTAÇÃO

Sou Moraes Cezar, pertencço ao povo Rikbaktsa, nasci no dia dois de agosto de mil novecentos e oitenta e nove na aldeia São Marcos na Terra Indígena Japuira no municipio de Juara, hoje essa aldeia não existe mais. Falo mais a língua portuguesa.

Estudei o meu ensino fundamental na aldeia cerejeira até a quinta series depois fui para outra aldeia chamada Aldeia Pé de Mutum, mas nos anos finais do ensino fundamental fui para a cidade terminar o fundamental. O meu ensino médio fiz na cidade numa escola. Sou licenciado pela Faindi da Unemat de Barra do Bugres.

Trabalho na Escola Myhyinymykyta Skiripi e estar no mestrado é um desafio muito grande na minha vida.

Este produto educacional pedagógico é um trabalho feito no mestrado de Pós Graduação em Ensino e Contexto Indígena Intercultural. É sobre as histórias do meu povo, se encontra escrito em língua materna e língua portuguesa.



Sumário

PIKNUTSA MYIKAHA	4
A FESTA DOS PEIXES.....	6
TOHOZA SPIKBATAWY	11
O segredo do Caxinguelê	12
TUNIHI ATADYBA ZIKZITABAKA.....	19
O xiri andava sizinho	21

PIKNUTSA MYIKAHA

Atapara umõa ezi, wastuhu Rikbaktsa niwak nahã, buburu zuba sak taba niu kuru nahã zehabo.

Unata zumu ze pihik sak humo zu nahã, pihik apiko aha wataba. Stuba idikwi-ityhykyta zibeze nahã, ziboro nahã.

Kyze unu pokte zumua ze, piknutsa pihik tsik tsihi ze zika zipok nahã. Okó ze ky wa niu. Piknutsa kiny ta hak mã humo atsoko ykbakta niahã, nikareke nahã.

- Piknutsa kiny ta aksoho um ykbata.

-Pany tyna mysk para nahã.

Ustuba rikbaktsa inapopo, ziwabyky, tsisapãena si saki bazikwy.

– óó, popo tahak tsa kyitsa, piknutsa mu kareki nahã niy. - Tupa sibo iksa tsimãhã. Iwatsa hi atsoko pitsi ty bu,bu buhyk pok, pok pokyk, nokpo sibo duk duk niahã.

Idikwi-ityhykyta si hare baba ni kare ki, kuria kuria tsa tuk.

Iwabete pusizatsa, sizezetsa tuk nikareki nahã.

Iwaze iwabete wahatsa si zeze byitsa tuk,. Terã,terã tsa tuk.

Idikwi tsaiikita, izeze batuk a sa kiny nikareki nahã, Bretu bre, bre ...

Piknutsa apik wytykyryk kiny istsipatsa ykmã tsiza spazazi humõ paik paik kikba ta há pytsa tsipa humõ paik paik nika nahã.

Taha watu spy kakatsa. Si nahãtsa kiny ba siwatu, pu, pu, kuba si zezetsa. Rikbaktsa nisuspaka nahãtsa, óó, piknutsa siak mã sapãetsa.

– yhy,,, mamy zuzaka nahã já?

Kaze nepyk nahã ze, piknutsa pihik kiny atsoko py dyba niy.

Pihik ni tsik tunihi byi. iwaze piknutsa zik siki nahã.

Bibipyryk dyba nitare já pizi tsaíí kita.

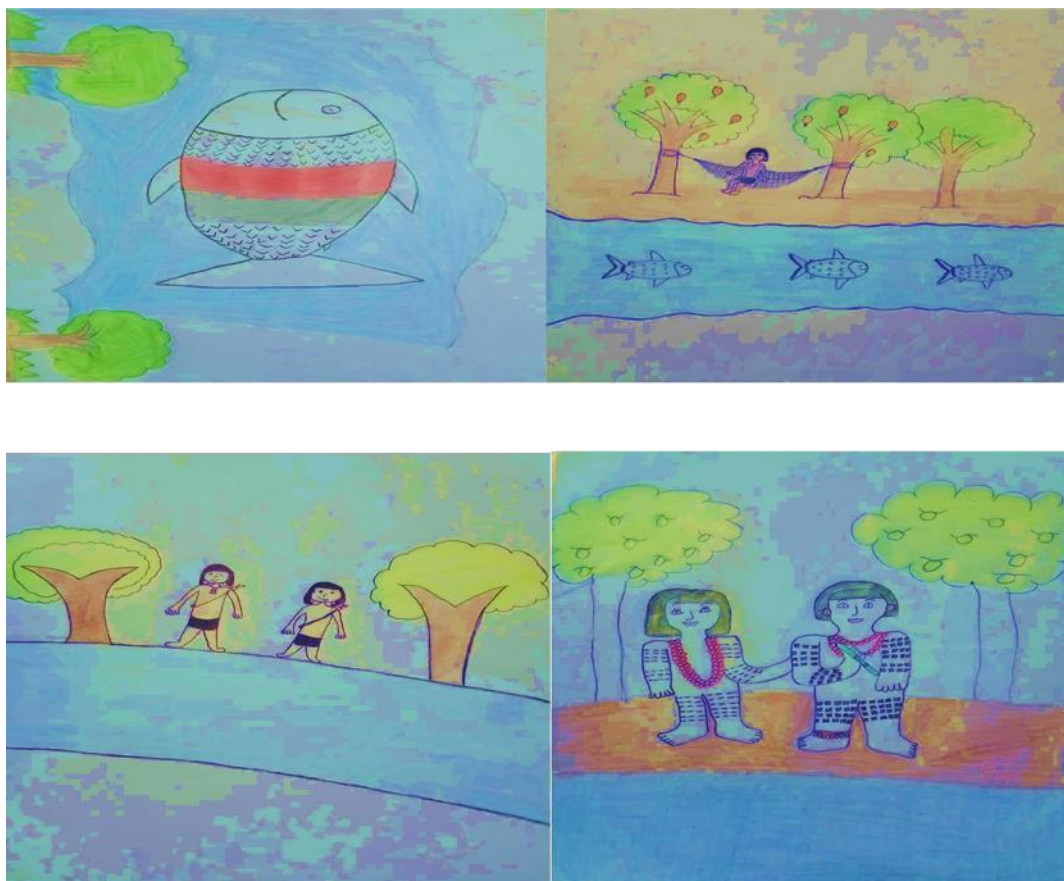
Iwaze pihik nitsik nuru byi. Byíí, inakok ze, Rikbaktsa bibipyryk tuk nipamy kosoko nahã. – hawãta as ikia tsik tare?

– óó, ikoktsi tahi iktare hiy.

Iwa tsa hi Rikbaktsa piknutsa sopyk zia se nahã, bekze tsa pik wy.

Atapara ka batu niwahã ka humo myhyinymy. Iwaze wy tsinymyrykynahã bekze pikwy humo.

A FESTA DOS PEIXES



No tempo da seca alguns Rikbaktsa saíram para caçar subiram um rio muito grande. Em uma noite acamparam a beira do rio ao lado de umas cachoeiras muito forte mataram um pacu pintado, assaram, comeram e foram dormir. Lá pela meia noite ouviram os peixes acenderem as luzes dentro do rio, ficando claro como se fosse de dia. Os peixes começaram dançar e tocar flauta, era uma festa muito animado.

Os peixes saíram do fundo do rio e começaram a dançar e tocar flauta no seco e o peixe agulha armou a rede no seco. Os

peixes diziam venha, vem aqui ver a nossa festa. Um Rikbaktsa acordou nessa hora e ouviu o toque bonito das flautas e acordou os outros Rikbaktsa e disse, ei pessoal! Acorda os peixes estão fazendo festas vamos lá ver. Os Rikbaktsa fizeram uma vela de castanha do Pará e acenderam e foram olhar a festa.

O pacu pintado dançava na frente e tocava a flauta curta Kuria..kuria..kuria...kuria. depois vinha a Traira dançando e tocando a flauta comprida Kruka..kruka...kruka..Em seguida vinha o pacu peva dançando e tocando uma flauta curta também brêtûbrê... brêtûbrê... brêtûbrê... atrás de cada peixe dançava uma peixe femea, segurando num broto de buriti presa uma ponta no seu marido. Todos tinha um chocalho amarrado na perna e uns colares comprido no pescoço, o colar das peixes femeas ia até quase o chão.

OsRikbaktsa olhava e dizia como os peixes tocam e dançam bem bonitos nem? Eles devem ta é agorando a gente!

No final os peixes terminaram a festa e foram embora voltando novamente para o fundo do rio, menos o Lambari de rabo vermelho, os peixes tiraram a força da cachoeira ficando uma água bem calma.

Quando amnhaceceu os Rikbaktsa perguntaram ao Lambari de rabo vermelho. Por que você ficou ? ele respondeu, por que estou de Birra.

Os Rikbaktsa continuaram a caçada até antes de verem a festa dos peixes, o povo Rikbaktsa não faziam festa, como as festa da

tempo da seca e da chuva, nós acreditamos que aprendemos com os peixes.

A festa do peixe, é que fez com que nós os Rikbaktsa começassemos a organizar nossas próprias festas.

Atividade

Fazer o diálogo e a interpretação da história junto com os alunos.

a) Qual é o nome da história?

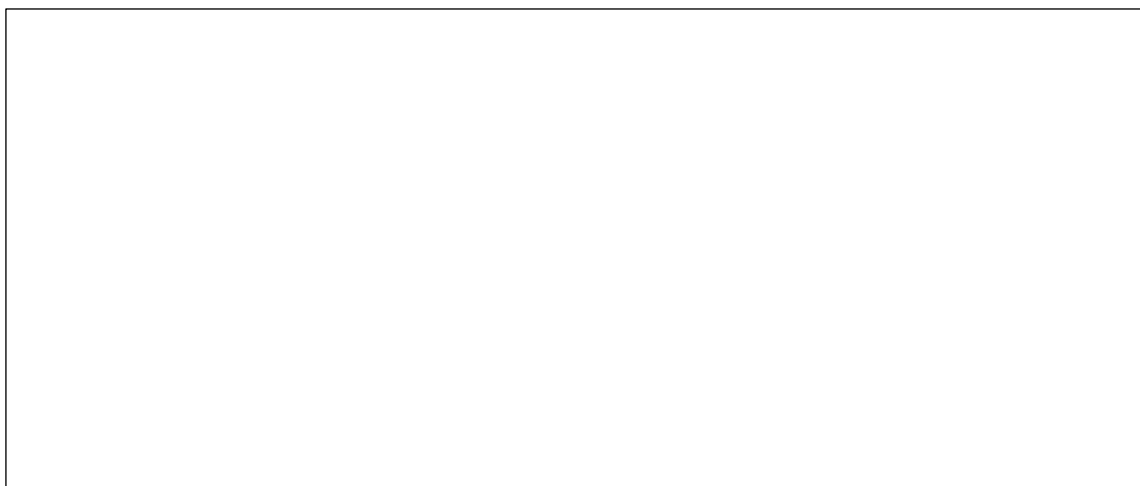
b) Sobre o que a história fala?

c) De onde saíram os peixes para dançar e tocar flauta?

d) O que o pacu pintado, a traíra e a pacupeva tocava?

e) Faça uma pesquisa em grupo sobre a flauta Kuria Kuria Kuria, Erika Kruka e Bêtrubê e depois escreva sobre isso:

f) Faça desenhos das flautas e coloque seus nomes ao lado.



g) Pesquise e desenhe os peixes que aparecem na história, procure identificar a morfologia dos peixes, veja o que come, como eles são, onde ficam no rio, etc...tragam tudo que aprenderem sobre esses peixes.



Espaço para desenhar os peixes:



TOHOZA SPIKBATAWY

Atapara, tohoza dyba pitsi zik zi nykyry. usta okoro ezi tohoza, hazobik tsikbatsa makwarak aha tsitsa hape tok niwak nahã. Pitsi orok bo zumu nahá ze, sa ustsak tsa batu sinyhy pitsi humo. Hapek tok ni pamykosoko nahã. Ôô.. pitsi tak pyk ta? -Yhyy, aidyk te. -Aty skaba ipunihik ta atapara my? -Utak ta batu. – tohoza uta da. -Niy. Tohoza kiny pitsieyk zipo. Pitsi zi boro. Pitsi wãhã ty ta piak bo kuru kuru by niy. Iwaze ôô wuinuputsa ke ziaha.tahabyi kôdô nikara. Atsoko mybarapeto. Ôô nuika ba ziboro nahãkta niy. Uta batu katyk myi ziu amybarapeto nikara. – jakmye há já. Ka pyspykãeta mykara. Ezedohokok, babyita tu wytyk bo pe dyba niy. Pitsi wãhã ty ta piak zyky nãha~pe kiny ôô wuinuputsa nikara. Ituk nikara nãhãtsa kiny ity piak zy piak zy nikara nãhã asa kiny tahabyi kôdô kôdô ibu, batu si hirik ze konôre. Batu kyik ahabita. Iwatsa hi asa kiny zi arekik nãhã. Nokpo usta pitsi bo nitururuk nãhã. Iwaze tohoza kiny atsoko kyik tuko niy. Ta poiktsa ty dyba dodore ta sapy baba eze, ata kiny kõe pitsi ty puhyryk niy. Tiskbatsatsa kiny batu pitsi bo duk,iwatsa hi akotsoko etetero asta botu duk zo nia hã. Tohoza poiktsa dyba ni sinykyry nãhã. Asa kiny ôô nimyspikbatahik daktã niahã.

Katsa tu takpyk ta niahã.iwatsahi iha ty wabebehyk. Hazobik pe tsiak pyk ta, pitsi budu hy. kia kiny atsapu puitsik ba hy niwazeka Wasani hy. Hazobik kiny atsoko pitsi zipo, idaba ty sibo nyny nyny ba siwatu.- taha tukto nipamykoso nãhã, -ôô nawatahi da nimyspik bataka niahã. Tsiboro spãena nikara nãhã. Batu amytohi. Tsisã pãena. Mybarapeto dyba nikara tohoza kiny.iwaze zik sikiri nãhã, tawatu tunihi ty pupu kuba niahã. Hazobik ta tunihi tu põetsik bita ezi ziskik. Utsaktsa batu jokboha taeri tu ezi skik nãhã. Iwa niatsa hi ta wahoro bo iziksi nãhã. Pahakba zu nãhã zo tohoza ibu niukuru zo, batu isapy bo dyba iktsa niy batu tsikãene dyba teteteryk niy. Jahokota ziktsa ty izubawy tu pokpokyk niy ta wahoro ziksi.

O segredo do Caxinguelê





A muito tempo atrás, somente os macacos conheciam a castanha do Pará. Um certo dia, o Cachingulê, a arara cabeçuda, a arara vermelha e a arara amarela foram juntas caçar na mata, lá encontraram um pé de castanha do Pará e como nenhum deles conhecia, saiu a conversinha entre eles, vamos experimentar a castanha?

Vamos sim reponderam, quem tem a coragem de experimentar primeiro?

Eu não tenho.

Eu também não.

Eu tenho respondeu o Caxinguelé

O Cachinguelé rachou um ouriço, comeu uma castanha e ainda passou um bagaço da castanha no corpo, para dizer que era coró. Ficou olhando por aí e depois falou gingando. Esse aqui não podemos comer, não estou me sentindo bem, acho que é veneno e começou a vomitar e caiu no chão.

O bagaço da castanha que passou no corpo eles vão pensar que é coró, no pensar do cachinquelê. As araras fizeram massagens no corpo dele não levantava nunca, as araras deixaram ele ali e foram para outro pé de castanha, nessa hora o Cachinguelê deu um pulo e levantou. Deixou uma caveira ali no seu lugar e foi embora também levando as castanhas.

As araras não encontraram as castanhas em outro pé e voltaram para o mesmo lugar, e encontraram a caveira no lugar do cachiguelê. Disseram, acho que naquela hora ele estava mentido, agente mesmo vai experimentar a castanha.

Ajuntaram a uns ouriços e disseram para a Arara Cabeçuda: experimente você primeiro é uma castanha grande como você tem a boca grande vai caber certinho na sua boca.

A Arara Cabeçuda quebrou um ouruço e deu deu um pedaço de castanha para a arara amarela, todos comeram e falaram ao mesmo tempo.

Tavendo como é gostoso e não faz mal pra ninguém era mentira do cachiguelê, a Arara cabeçuda encheu um xiri bem fundo só de castanha bem grande, a Arara Vermelha encheu um xiri pequeno de castanha pequena, a Arara Amarela encheu um xiri bem pequeno de castanha bem pequenos e todos foram em bora para casa. Um tempo depois o Cachiguelê voltou voltou ao mesmo pé de castanha axou só um pedacinho da castanha, pegou uma fruta amarga e passou no pedaço da castanha e foi embora.

Atividade

Fazer o diálogo e a interpretação da história

a) Qual é o nome da história?

b) Sobre o que a história fala?

c) Escreva o que você sabe sobre a castanha do Pará dentro do território, quais as características, como é colhida, qual é o período da coleta e como é utilizada pelo povo (hoje chamada castanha do Brasil)?

d) Escreva sobre a arara amarela (características, o que comem, onde vivem, período de terem filhotes, uso dela na cultura. O que significa para o nosso povo Rikbatksa.

e) Escreva sobre a arara Cabeçuda (características, o que comem, onde vivem, período de terem filhotes, uso dela na cultura. O que significa para o nosso povo Rikbatksa



f) Relate sobre o caxinguelê na história

-

g) Identifique a que clã pertence essa pessoa, e explique por quê:



g) Identifique o clã dessa pessoa e explique



TUNIHI ATADYBA ZIKZITABAKA

Atapara ka tsimpy hyhykaina, atsaetze baha zikzuruku naha my hudikhydikwy puitsik bara atsokok, ustataba kyka tsikaine. zubakaeze kyka watok humu kiny batu ziwe naha. wytyk marõ zi tsazikik, wanu diwy kiny niwatihi antu zik natadiki. iwaze kyitsa kiny. -ôô,, zodo humo karapãeta ziknakanaha ze tunihi si disahawy sibo zikziskik. nanabyi humo tihi, ôô, -pitsi humo kapaeta; na kiny ibu õõ duk, bita zik naka. zodo humo kiny niwatihi. pete humo kiny niwati, nanabyi wuihara humo kiny ibu zikziskik. aebawy ze dyba tohoza kiny tunihi ektsa nistehe, tohoza kiny usa izubaha puhuk babyi ziky eizi zikzuku, myzubaha bo inakodoe tahi tunihi atadyba izumukuta si disahawy tuk izumuku, ata kiny taziukzi byispyk ze ektsa tehek. iwatsahi aba kiny niwaha bo tsik mysapy nahã. atapakyka my so pyk nihokda iwatsahi aba kiny katsatu mydisahawy nataskik. tohoza iwa niyzihi pitsi horok kiny joboni niyzikik, tapaka wytyk spe buku jypuk. i sapa kiny jububa.



Foto do Rikbaktsa fazendo um Xiri

O xiri andava sozinho

De primeiro, era muita gente.

Havia uma aldeia grande de um lado e, outra pequena, de outro. Na aldeia grande, a derrubada se fazia sozinha. A mulher fazia o novelo de linha, e a rede se fazia sozinha. Quando pessoal da aldeia grande fica com fome, uma mulher falava: -Eu queria beber mel com água; ou, eu queria comer carne fresca; ou, eu queria milho-fofo; ou, eu queria batata-doce; ou, queria inajá; ou, eu queria lenha; ou, eu queria patuá; ou, eu queria bacava; ou, eu queria pequi-do-mato; ou, eu queria mandioca-mansa; ou, queria banana; ou, eu queria peixe; ou, eu queria castanha do para; tudo isso vinha no xiri, andando sozinho, carregando as coisas sem ninguém.

Cada coisa era repartida para todos da aldeia grande. A aldeia grande não precisava trabalhar muito, todos comiam e nunca passavam fome. Naquele tempo, o pé de castanha do para era bem baixinho, da altura de uma casa.

Os galhos roçavam o chão e nem era preciso subir para apanhar castanha verde do para. Por isso, o xiri apanha sozinho. Também, quando uma pessoa queria ir a outra aldeia, bastava colocar a rede e as outras coisa num xiri e viajava sem nada.

Quando parava para descansar, lá na frente, logo chegava o xiri com as coisas. A pessoa só tirava a rede do xiri, e ela se amarrava sozinho.

A vida na aldeia grande era muito boa e fácil. O caxinguelê era da aldeia pequena. O xiri não trazia nada para esta aldeia e o pessoal dali passava fome, comia mal e lutava para viver. Um dia, uns homens da aldeia grande foram a aldeia pequena e falaram: - na nossa aldeia, o xiri traz as coisas sozinho; a gente não precisa trabalhar muito, todo mundo come e bebe bem e nunca passamos fome. -ah, sim! Passou um tempo, o caxinguelê foi com outro homem à aldeia grande, para ver se aquela conversa era certo mesmo. Quando os dois chegaram lá, a mulher que chamava as coisa não estava em casa. Mas nesta hora, chegou um xiri grande, andando sozinho, cheio de castanha do para.

O caxinguelê era o dono dos pés de castanha do para. Por isso ficou com raiva a puf cortou as pernas do xiri. O caxinguelê e o homem voltaram. Lá na frente, o caxinguelê foi soprando os pés de castanha do para, -huf,,huf,, e eles começaram a crescer certa hora, o homem disse: -Para de assoprar! Já cresceram bastante. -Não, eu quero mais alto: huf,,huf,,. O pessoal da aldeia grande vai ter que sofrer também, apanhando e carregando a castanha do para!! Huf,,huf,, os pés de castanha do para ficaram bem altos. Não demorou muito, a mulher que chamava as coisas, chegou na aldeia grande e disse: - Eu queria castanha do para; - E nada de xiri com castanha do para chegar! Daqui para frente, se alguém quiser

castanha do para, precisa subir no pé da castanheira para tirar castanha verde e carregar para casa.

Atividade

Fazer o diálogo e a interpretação da história

a) Qual é o nome da história?

b) Sobre o que a história fala?

c) O que é um xiri? Como era o xiri da narrativa? O que aconteceu com ele?

d) Como é hoje a atividade de coleta de castanha? Quem vai? Em que época? Escreva tudo que conseguir saber sobre o trabalho do povo Rikbatksa com a castanha.

e) Além dessas histórias qual outra você já ouviu nos ensinamentos da sua família, na aldeia? Agora é a sua vez de relatar outras histórias.

[illegible]